

A UTILIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

THE USE OF ACTIVE METHODOLOGIES AS A TOOL FOR INCLUSION IN BASIC EDUCATION

EL USO DE LAS METODOLOGÍAS ACTIVAS COMO HERRAMIENTA DE INCLUSIÓN EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

DOI: 10.5281/zenodo.17612647

Ronieris Bernadino dos Reis Silva

Especialista em Educação Matemática

Faculdades Integradas de Patos – FIP/PB, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Crato/CE, Brasil

E-mail: roni.reiz@gmail.com

CV: <http://lattes.cnpq.br/2651999766750460>

Francisco Renato Silva Ferreira

Mestre em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE, Brasil

E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.br

CV: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

Amanda Rafaela Pereira Silva

Especialista em Geografia e Meio Ambiente

Universidade Regional do Cariri – URCA, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Crato/CE, Brasil

E-mail: amandarpsilva@sme.crato.ce.gov.br

CV: <https://lattes.cnpq.br/9332935562122299>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7419-4695>

Kalyne Madeira Furtado

Mestranda em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

E-mail: kalynemadeira.prof@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7745863558806433>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3255-4575>

Wesley Breno Silva Oliveira

Mestre em Educação Física
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Brasil
Vínculo Institucional: Secretaria Estadual de Educação do Ceará, Brasil
E-mail: wesley.ef@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2602397940535119>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2441-3865>

Susan Nogueira Fernandes Belchior

Mestra em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil
Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: susanbelchior@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1235709817945580>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7004-3925>

Cilianne Édila Leandro de Sousa

Mestranda em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: dra.ciliannenefro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7421301624388108>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6465-5524>

Marta Coelho Bezerra Dantas

Mestra em Ensino em Saúde
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil
Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil
E-mail: martha_30jpeg@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5688263542829028>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1679-408X>

RESUMO

O presente artigo analisa a utilização das metodologias ativas como ferramentas de inclusão e inovação pedagógica na educação básica contemporânea. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentação bibliográfica, examina como essas estratégias, baseadas no protagonismo discente, na colaboração e na autonomia, podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa, equitativa e humanizadora. Fundamentado em autores como Freire (2019), Moran (2021), Bacich e Moran (2018) e Valente (2019), o estudo evidencia que a aplicação consciente das metodologias ativas amplia a participação dos estudantes e fortalece a mediação docente, estabelecendo vínculos entre conhecimento,

ética e convivência. Ao promover a interação entre teoria e prática, essas abordagens transformam o ambiente escolar em espaço de diálogo e de construção coletiva do saber, valorizando a diversidade e combatendo as barreiras excludentes. Os resultados apontam que a eficácia das metodologias ativas depende da formação contínua do professor e de sua capacidade de adaptar os processos educativos às singularidades de cada aprendiz. Conclui-se que a inovação metodológica, aliada a uma postura inclusiva e reflexiva, constitui um caminho promissor para a efetivação de uma escola democrática, capaz de unir sensibilidade, criticidade e compromisso com o direito de aprender.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Inclusão escolar. Educação básica.

ABSTRACT

This article analyzes the use of active methodologies as instruments of inclusion and pedagogical innovation in contemporary basic education. The research, qualitative in nature and supported by bibliographical analysis, investigates how these learner-centered strategies—based on autonomy, cooperation, and protagonism—can foster more meaningful, equitable, and humanized learning. Drawing on the theoretical contributions of Freire (2019), Moran (2021), Bacich and Moran (2018), and Valente (2019), the study demonstrates that the deliberate application of active methodologies enhances student engagement and strengthens teacher mediation, linking knowledge, ethics, and coexistence. By integrating theory and practice, these approaches reshape the classroom into a dialogical and collaborative learning environment, recognizing diversity as a formative value and challenging exclusionary barriers. The findings indicate that the effectiveness of active methodologies relies on continuous teacher development and the ability to adapt educational practices to the individual characteristics of each learner. It concludes that methodological innovation, when combined with inclusive and reflective teaching, represents a promising path toward a democratic school that embraces sensitivity, critical thinking, and commitment to the right to learn.

Keywords: Active methodologies. School inclusion. Basic education.

RESUMEN

El artículo analiza el uso de las metodologías activas como herramientas de inclusión e innovación pedagógica en la educación básica contemporánea. La investigación, de carácter cualitativo y con base bibliográfica, examina cómo estas estrategias centradas en el estudiante —fundadas en la autonomía, la colaboración y el protagonismo— pueden favorecer aprendizajes más significativos, equitativos y humanizados. A partir de los aportes teóricos de Freire (2019), Moran (2021), Bacich y Moran (2018) y Valente (2019), el estudio muestra que la aplicación consciente de las metodologías activas amplía la participación del alumnado y fortalece la mediación docente, articulando conocimiento, ética y convivencia. Al integrar teoría y práctica, estas metodologías convierten el aula en un espacio de diálogo y construcción colectiva del saber, donde la diversidad se reconoce como valor educativo y las barreras excludentes son superadas. Los resultados indican que

la eficacia de las metodologías activas depende de la formación continua del profesorado y de su capacidad para adaptar los procesos de enseñanza a las particularidades de cada estudiante. Se concluye que la innovación metodológica, acompañada de una actitud inclusiva y reflexiva, constituye un camino prometedor hacia una escuela democrática, sensible y comprometida con el derecho de todos a aprender.

Palabras clave: Metodologías activas. Inclusión escolar. Educación básica.

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação básica brasileira contemporânea é, inevitavelmente, deparar-se com o desafio de construir uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de acolher a diversidade e garantir o direito de aprender a todos os sujeitos. A sociedade atual, marcada por transformações tecnológicas, culturais e cognitivas, demanda um novo olhar sobre o ensino, exigindo metodologias que ultrapassem a mera transmissão de conteúdos e valorizem o protagonismo discente. Nesse contexto, as metodologias ativas emergem como um paradigma pedagógico que desloca o foco da ação docente para a ação do estudante, ressignificando o ato de ensinar e aprender.

A educação, enquanto prática social e política, não se limita ao espaço físico da escola, mas constitui um campo de construção de identidades, afetos e cidadania. Ensinar, portanto, é um ato ético, dialógico e emancipador, conforme ressalta Freire (2019, p. 45):

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. O ato de educar exige abertura, curiosidade e humildade, pois ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, e os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. A prática educativa se realiza na troca, no diálogo e na construção coletiva do saber, constituindo-se como um processo permanente de humanização.

A citação evidencia que o processo educativo é, essencialmente, relacional e interdependente. Assim, promover a inclusão escolar significa criar condições para que cada aluno participe ativamente da construção do conhecimento, reconhecendo-se como sujeito de saberes e potencialidades. A lógica bancária, denunciada por Freire, ainda persiste em muitas práticas docentes que mantêm o aluno em posição passiva, limitando

suas experiências cognitivas e emocionais. Diante disso, urge repensar o papel do professor, da escola e do próprio currículo, incorporando estratégias que estimulem a autonomia, a reflexão crítica e a colaboração.

A adoção das metodologias ativas na educação básica responde a essa urgência. Elas configuram-se como caminhos pedagógicos que favorecem o engajamento, a investigação e a autoria do estudante, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Moran (2021) observa que “a aprendizagem só é significativa quando mobiliza o estudante a pensar, sentir e agir no mundo”, evidenciando a importância de metodologias que articulem razão e emoção, teoria e prática, individualidade e coletividade.

Mais do que instrumentos didáticos, as metodologias ativas constituem uma postura ética e pedagógica diante da diversidade. Ao propor que todos aprendam fazendo, interagindo e colaborando, o professor transforma o espaço escolar em território de escuta, diálogo e partilha de experiências. Essa perspectiva aproxima-se da concepção de educação inclusiva, que, segundo a Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2020), tem por finalidade garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes, com ou sem deficiência, nas escolas regulares.

Promover uma educação inclusiva implica compreender que as diferenças não são obstáculos, mas potências pedagógicas. Como destaca Gomes (2017), a inclusão exige romper com práticas homogeneizadoras e reconhecer a pluralidade como fundamento da aprendizagem. As metodologias ativas tornam-se, nesse sentido, ferramentas potentes para o acolhimento das singularidades, pois permitem diferentes percursos, tempos e modos de aprender, respeitando o ritmo individual e estimulando a cooperação entre pares.

A escola, enquanto instituição social, tem o dever de formar sujeitos críticos e autônomos, preparados para atuar em um mundo em constante transformação. Entretanto, isso só é possível quando a prática docente se alicerça em princípios de equidade, respeito e justiça cognitiva. Ao adotar metodologias ativas, o educador renuncia ao papel de transmissor e assume o de mediador, criando situações que convidam os alunos à

descoberta, à experimentação e à autoria. Valente (2019) reforça que “a aprendizagem ativa é aquela que envolve o estudante em experiências significativas, nas quais o aprender se confunde com o viver”.

Compreender o uso das metodologias ativas como ferramenta de inclusão é reconhecer que a inovação pedagógica não se reduz ao uso de tecnologias ou modismos educacionais, mas à capacidade de promover transformações nas relações humanas dentro da escola. Inovar, nesse contexto, é incluir; é possibilitar que cada estudante, com suas singularidades, encontre sentido no que aprende e se perceba como parte do coletivo.

Em síntese, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre o papel das metodologias ativas na promoção da inclusão escolar na educação básica, discutindo seus fundamentos teóricos, suas implicações éticas e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem. Ao longo do estudo, busca-se demonstrar que a verdadeira inclusão nasce da prática pedagógica comprometida com a escuta, a participação e a construção de saberes compartilhados — uma educação que, nas palavras de Freire (2019), “é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Metodologias Ativas: Fundamentos e Concepções

A construção do conhecimento, na perspectiva das metodologias ativas, rompe com o paradigma tradicional que entende o aluno como mero receptor de informações e o professor como transmissor de conteúdos prontos e acabados. O que se propõe é uma reconfiguração epistemológica da prática pedagógica, na qual o estudante assume papel central, engajando-se de modo reflexivo, crítico e criador nas situações de aprendizagem. Trata-se de compreender o ato educativo como processo vivo, dinâmico e participativo, em que a experiência, a escuta e o diálogo constituem o núcleo da formação humana.

Ao repensar o ensino sob essa ótica, percebe-se que as metodologias ativas não representam apenas um conjunto de técnicas, mas um modo de pensar e de viver a

educação. Moran (2021) observa que o aprender ativo nasce da relação dialógica entre teoria e prática, no movimento de quem age para compreender e compreende para agir. Nesse sentido, o papel do educador é o de articular contextos significativos de aprendizagem, mobilizando o aluno a investigar, questionar e aplicar o conhecimento à realidade.

A aprendizagem só é verdadeiramente ativa quando o estudante participa do processo com intencionalidade, curiosidade e autonomia, estabelecendo vínculos entre o que aprende e o mundo que o cerca. O aprender torna-se significativo quando o sujeito se envolve, experimenta, questiona e reflete sobre suas próprias práticas. É no diálogo entre teoria e vivência que o conhecimento se consolida, transformando o estudante em protagonista do seu percurso formativo e agente crítico de sua realidade (Moran, 2021, p. 54).

Esse deslocamento do foco do ensino para a aprendizagem implica também uma mudança ética. Freire (2019) afirma que educar é um ato político, pois envolve escolhas, valores e compromissos com a emancipação do outro. Assim, metodologias ativas e pedagogia libertadora convergem no propósito de formar sujeitos capazes de pensar criticamente e transformar o mundo. Ambas reconhecem o diálogo como eixo estruturante da relação educativa e compreendem o erro como parte integrante do processo formativo.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. A educação é um ato coletivo, construído na partilha de saberes e na escuta mútua entre sujeitos que se reconhecem em permanente processo de transformação. É no diálogo que o conhecimento se humaniza e ganha sentido, pois ensinar e aprender são movimentos inseparáveis de um mesmo gesto ético e libertador (Freire, 2019, p. 78).

Ao inserir o estudante no centro do processo, a metodologia ativa resgata o sentido humano da aprendizagem: aprender não é acumular informações, mas produzir significados. Nesse contexto, o conhecimento adquire valor quando se transforma em instrumento de leitura e intervenção sobre a realidade. Segundo Bacich e Moran (2018), metodologias ativas como a aprendizagem baseada em projetos, a sala de aula invertida, o ensino híbrido e a aprendizagem baseada em problemas estimulam a participação e o protagonismo, desenvolvendo competências cognitivas, socioemocionais e éticas.

Cada uma dessas estratégias propõe que o estudante se envolva com desafios concretos, em colaboração com colegas e professores, explorando múltiplas linguagens e

recursos tecnológicos. Contudo, o verdadeiro potencial das metodologias ativas não reside apenas nas ferramentas que emprega, mas na intencionalidade pedagógica que as orienta. Como destaca Valente (2019), “a aprendizagem ativa exige do professor uma nova postura: a de provocador de sentidos e mediador de experiências”. Essa mediação supõe sensibilidade para reconhecer o tempo e o ritmo de cada aluno, integrando teoria e prática de maneira significativa e acessível.

O fundamento teórico das metodologias ativas dialoga, ainda, com a aprendizagem significativa de Ausubel (2003), para quem o novo saber se constrói a partir da relação com os conhecimentos prévios do sujeito. Essa ideia aproxima-se da concepção construtivista de Piaget (1990), segundo a qual o conhecimento é resultado de um processo contínuo de assimilação e acomodação entre o indivíduo e o meio. Em ambas as abordagens, a ação, a descoberta e a interação são condições essenciais para que o aprendizado ocorra de forma profunda e duradoura.

A dimensão sociointeracionista de Vygotsky (1998) também contribui para compreender as metodologias ativas como práticas mediadas pela linguagem e pela cultura. O autor argumenta que o desenvolvimento cognitivo se dá na interação social, na troca de significados e no enfrentamento cooperativo de desafios. Assim, as metodologias ativas concretizam o princípio vygotskyano da “zona de desenvolvimento proximal”, ao oferecer oportunidades de aprendizagem que ampliam as capacidades do estudante com base na colaboração e no diálogo.

As teorias contemporâneas do conhecimento apontam que o ato de aprender é complexo, não linear e profundamente interligado às emoções e à cultura. Morin (2021) enfatiza a necessidade de uma educação que reconheça a incerteza e a interdependência dos saberes, defendendo que:

Todo conhecimento deve ser contextualizado, pois separado de seu meio e de suas relações, ele perde o sentido e se torna mutilado. O pensamento que isola fragmenta a realidade e empobrece a compreensão do mundo. É preciso religar os saberes, situar cada parte no todo e o todo nas partes, reconhecendo que toda compreensão humana é, ao mesmo tempo, limitada e aberta. Assim, educar é aprender a navegar na complexidade, sem renunciar ao rigor, à dúvida e ao diálogo (Morin, 2021, p. 109).

Essa concepção reforça a importância de metodologias que integrem diferentes dimensões da experiência humana — o cognitivo, o afetivo, o ético e o social —, criando pontes entre o saber escolar e a vida cotidiana. Assim, as metodologias ativas não se limitam a uma inovação didática, mas se afirmam como um projeto civilizatório de reumanização da escola.

Ao compreender o estudante como sujeito de cultura e produtor de saberes, o professor adota uma postura de humildade epistemológica, reconhecendo que o conhecimento é uma construção coletiva. Essa postura, sustentada pela ética da escuta e do respeito à diversidade, é condição essencial para que as metodologias ativas cumpram sua função emancipadora. Saviani (2019) complementa que a prática educativa deve articular intencionalidade e rigor teórico, para que a liberdade não se converta em espontaneísmo e a criatividade não se dissocie da criticidade.

Portanto, o fundamento das metodologias ativas está no compromisso com uma pedagogia que reconhece a potência transformadora da ação e da reflexão. Elas não propõem apenas novas formas de ensinar, mas novas formas de existir na escola, promovendo autonomia, solidariedade e sentido. Ao estimular o estudante a participar da construção do conhecimento, essas metodologias revelam a essência da aprendizagem como experiência humana integral — racional, sensível e coletiva.

Dessa forma, compreender os fundamentos e concepções das metodologias ativas significa, antes de tudo, reconhecer nelas um ato de resistência pedagógica contra a passividade e a exclusão. Em um tempo marcado por múltiplas desigualdades, sua adoção representa a aposta ética na formação de sujeitos livres, críticos e participantes da transformação social.

2.2 Inclusão Escolar e Diversidade

Compreender a inclusão escolar no contexto da educação básica é reconhecer que o direito à aprendizagem ultrapassa a simples presença física na sala de aula; ele envolve o reconhecimento da dignidade humana em todas as suas formas de expressão. A escola

contemporânea, ao se assumir como espaço plural e democrático, precisa romper com as estruturas excludentes que historicamente marginalizaram corpos, culturas e modos de aprender. A diversidade, longe de ser um obstáculo, constitui a riqueza mais genuína do ambiente educativo e deve ser entendida como princípio epistemológico e não apenas como política compensatória.

Na perspectiva freireana, a inclusão nasce de uma postura ética de acolhimento e de respeito às diferenças. O educador, ao compreender a alteridade como parte essencial do ato educativo, passa a ensinar a partir do diálogo, da escuta e da empatia. Como recorda Freire (2019, p. 42):

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade e a confrontação de pontos de vista diferentes. Não pode fugir à discussão criadora sob pena de ser uma farsa. Educar é um exercício permanente de liberdade, diálogo e compromisso com a transformação do mundo. O educador que ama o que faz e acredita no poder libertador do conhecimento compreende que ensinar é um ato profundamente político, que implica respeito, escuta e responsabilidade diante do outro.

Essa afirmação revela que a inclusão não se concretiza apenas em leis ou decretos, mas se constrói cotidianamente, na tessitura das relações humanas que habitam a escola. Incluir é, portanto, um gesto político, um compromisso que exige do docente sensibilidade para reconhecer e valorizar as singularidades, transformando-as em oportunidades pedagógicas.

Ao refletir sobre o conceito de diversidade, Gomes (2017) destaca que a escola inclusiva é aquela que acolhe as diferenças como potencial educativo, e não como anomalia a ser corrigida. O discurso da normalidade, quando imposto como padrão, gera exclusões sutis que perpetuam desigualdades e invisibilizam identidades. A autora defende uma educação que vá além da mera adaptação curricular, afirmando que o verdadeiro sentido da inclusão está em “reconhecer que todos aprendem, mas nem todos aprendem do mesmo modo, no mesmo tempo ou pelos mesmos caminhos”. Essa compreensão exige práticas pedagógicas abertas à pluralidade e currículos flexíveis, que respeitem as particularidades sem fragmentar o coletivo.

Na mesma direção, a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (Brasil, 2020) estabelece que a inclusão deve promover “a participação plena e o aprendizado de todos os estudantes, sem discriminação e com igualdade de oportunidades”. Essa política reforça a importância de práticas educativas que removam barreiras atitudinais, pedagógicas e comunicacionais, tornando o ambiente escolar acessível a todos. Assim, a inclusão não se resume a um projeto de integração, mas a uma transformação cultural profunda, capaz de reconstruir os sentidos da convivência e do aprender juntos.

A reflexão de Skliar (2017) amplia essa compreensão ao afirmar que a inclusão verdadeira não busca encaixar o diferente no mesmo molde, mas reinventar o próprio molde. Para o autor, a escola precisa abandonar a lógica da tolerância e adotar a ética da coexistência, na qual a diferença é reconhecida como potência e não como problema. Nessa perspectiva, a diversidade não é o oposto da unidade, mas sua condição. Ao valorizar o que cada sujeito traz de singular, o processo educativo se torna mais humano, criativo e emancipador.

Não se trata de incluir o outro em um mesmo espaço, mas de construir juntos um novo espaço, onde o outro possa ser quem é. A verdadeira inclusão não se realiza pela simples presença, mas pelo reconhecimento da diferença como valor e potência. É na convivência, no diálogo e na escuta sensível que se cria o lugar do encontro, onde todos têm voz e pertencem. Incluir, portanto, é reinventar o comum, abrindo caminhos para uma educação realmente plural e humana (Skliar, 2017, p. 59).

A contribuição de Vygotsky (1998) também é fundamental para a compreensão da inclusão escolar, uma vez que o autor defende o papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo. A aprendizagem, segundo sua teoria, acontece em um ambiente de trocas, no qual a linguagem e a cultura moldam as formas de pensar. Esse princípio reforça a ideia de que a escola deve ser um lugar de colaboração, onde o aprender com o outro é tão valioso quanto aprender por si mesmo. Quando o ambiente escolar reconhece a heterogeneidade como parte constitutiva do processo de ensino, abre-se espaço para o desenvolvimento integral de todos os estudantes, especialmente daqueles com deficiência ou com necessidades educacionais específicas.

Outro ponto essencial está no reconhecimento das barreiras invisíveis que ainda sustentam práticas excludentes no cotidiano escolar. Essas barreiras podem manifestar-se em atitudes, expectativas reduzidas, currículos inflexíveis e avaliações padronizadas. Para combatê-las, torna-se imprescindível o investimento em formação docente continuada, orientada pelos princípios da educação inclusiva e pela ética da equidade. Como salienta Carvalho (2019), o professor inclusivo é aquele que se permite aprender com as diferenças, reconhecendo nelas uma fonte de saber e não uma limitação.

A prática inclusiva demanda também o envolvimento da comunidade escolar como um todo. A gestão, os professores, os funcionários e as famílias devem atuar de maneira colaborativa, construindo um projeto pedagógico que reflita o compromisso coletivo com a justiça educacional. Mitre et al. (2008) lembram que a inclusão é mais do que um método pedagógico — é uma cultura que se aprende e se partilha, sustentada pelo diálogo entre saberes, pela solidariedade e pela corresponsabilidade.

O desafio da diversidade na escola contemporânea, portanto, não é apenas garantir o acesso, mas reconfigurar o pertencimento. A inclusão deve ser vivida como princípio e não como concessão. Isso implica deslocar o olhar do déficit para a potência, reconhecendo que cada sujeito carrega modos próprios de aprender e contribuir para o grupo. A escola que compreende essa dimensão transforma a diferença em experiência formadora e o ensino em prática de humanização.

A complexidade que envolve a inclusão escolar exige um compromisso contínuo com a transformação das práticas pedagógicas. Como observa Morin (2021, p. 114), “a educação deve ensinar a condição humana e a compreender a diversidade do humano na unidade do gênero humano”. Essa visão reforça a necessidade de uma educação que ultrapasse fronteiras disciplinares e culturais, orientando-se pela interconexão entre os saberes e pela valorização da pluralidade.

Em síntese, a inclusão escolar é uma prática social que requer coragem e sensibilidade para acolher o outro como legítimo na diferença. O reconhecimento da diversidade como eixo estruturante da educação básica constitui um avanço civilizatório,

pois amplia os horizontes da aprendizagem e reconfigura o papel da escola na construção de uma sociedade mais justa, plural e humana. Ao unir metodologias ativas e pedagogia inclusiva, o ato de ensinar transforma-se em experiência compartilhada de emancipação — um exercício constante de liberdade e esperança.

2.3 Metodologias Ativas e Inclusão: Pontes para a Equidade

Discutir a relação entre metodologias ativas e inclusão escolar é compreender que ambas compartilham um mesmo horizonte ético: a construção de uma educação equitativa, participativa e emancipadora. Não se trata apenas de renovar estratégias didáticas, mas de reconstruir as bases sobre as quais o ensino se sustenta, instaurando uma nova lógica de convivência e aprendizagem. A verdadeira equidade educativa nasce do reconhecimento das diferenças e da criação de condições reais para que todos os estudantes possam aprender e participar de forma significativa.

O vínculo entre inovação pedagógica e inclusão emerge como resposta às limitações do modelo tradicional de ensino, ainda pautado pela homogeneização e pela centralização do saber no professor. Quando o processo educativo passa a valorizar a experiência, a autonomia e a colaboração, abre-se espaço para uma pedagogia que acolhe a pluralidade e transforma a diversidade em força criadora. Mitre et al. (2008, p. 2135) destacam que:

As metodologias ativas favorecem a integração entre ensino, serviço e comunidade, aproximando a aprendizagem das situações reais e promovendo o desenvolvimento de competências que articulam conhecimento, atitude e prática. Por meio delas, o estudante deixa de ser mero receptor de informações e torna-se protagonista do próprio processo formativo, participando de experiências que estimulam a reflexão, a tomada de decisão e o compromisso social. Essas práticas possibilitam uma formação crítica e transformadora, conectada às demandas concretas da vida e da realidade profissional.

Essa integração rompe com a fragmentação do conhecimento e aproxima a escola da vida. No contexto da inclusão, o estudante deixa de ser visto como destinatário de um ensino adaptado e passa a ser sujeito ativo do próprio processo de aprendizagem. Cada desafio, cada projeto e cada experiência tornam-se oportunidades de expressão e de reconhecimento de identidades. Assim, as metodologias ativas convertem-se em pontes

para a equidade, pois democratizam as formas de aprender e ampliam os caminhos do sucesso escolar.

A centralidade da ação e da experiência na aprendizagem ativa dialoga diretamente com o conceito de “educação libertadora” proposto por Freire (2019), ao afirmar que o processo educativo deve ser um exercício de liberdade e não de domesticação. O autor defende que:

É na problematização da realidade que o homem se descobre como sujeito histórico, capaz de intervir no mundo para transformá-lo. Ao refletir criticamente sobre sua existência, o ser humano compreende que a educação é o caminho para a libertação e a reconstrução do mundo em que vive. É na relação dialógica e na leitura do contexto que o homem percebe sua capacidade criadora e assume o compromisso ético de reinventar a história. Assim, educar é despertar a consciência e o poder de transformar a vida em prática de liberdade (Freire, 2019, p. 63).

Essa concepção reforça que a inclusão não é uma concessão institucional, mas uma conquista que se realiza pela consciência crítica e pela prática transformadora. As metodologias ativas, ao promoverem a investigação, o diálogo e a construção coletiva, concretizam esse ideal freireano, pois ensinam o aluno a pensar com autonomia e a reconhecer-se como agente de mudança.

Do ponto de vista pedagógico, metodologias como a aprendizagem baseada em projetos (ABP), o ensino híbrido e a sala de aula invertida oferecem possibilidades concretas de inclusão, ao permitirem que cada estudante participe conforme suas potencialidades, interesses e ritmos cognitivos. Moran (2021, p. 72) observa que o protagonismo discente, característica essencial dessas metodologias, “é um convite à corresponsabilidade e à cooperação, pois ninguém aprende sozinho, e todo aprendizado significativo é compartilhado”. Assim, o espaço da sala de aula transforma-se em território de encontros e mediações, em que o aprender com o outro é tão valioso quanto aprender sobre o outro.

Ao integrar tecnologias digitais, recursos sensoriais, jogos cooperativos e desafios interdisciplinares, o professor cria uma rede de aprendizagens que acolhe a multiplicidade dos modos de ser e de aprender. Essa pluralidade metodológica é condição fundamental

para a equidade, pois garante o acesso e a participação de estudantes com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento, altas habilidades ou dificuldades específicas. Valente (2019, p. 103) sustenta que “as metodologias ativas, quando bem planejadas, rompem com a cultura da padronização e promovem ambientes flexíveis que valorizam a singularidade do aluno e sua capacidade de aprender de maneira autônoma e crítica”.

A articulação entre metodologias ativas e inclusão também redefine o papel docente. O professor torna-se mediador e designer de experiências educativas, responsável por planejar situações de aprendizagem que convoquem a participação de todos. Essa mediação requer sensibilidade e escuta pedagógica, pois ensinar na diversidade é lidar com diferentes linguagens, tempos e emoções. Nesse sentido, a afetividade, a empatia e o diálogo constituem dimensões indissociáveis da prática inclusiva.

O uso das metodologias ativas em ambientes inclusivos desafia o educador a repensar a avaliação, substituindo modelos punitivos por processos formativos, capazes de acompanhar a evolução de cada estudante. Bacich e Moran (2018) defendem que o feedback contínuo, aliado à reflexão e à autoavaliação, é essencial para fortalecer a autonomia e o sentimento de pertencimento. Essa mudança de perspectiva transforma o erro em oportunidade e o processo em espaço de crescimento, reforçando o princípio da equidade.

Outro aspecto decisivo está na relação entre metodologias ativas e aprendizagem cooperativa. A cooperação, ao substituir a competição, cria uma cultura de solidariedade e respeito mútuo, na qual o sucesso individual depende do sucesso coletivo. Para Saviani (2019), a escola democrática deve se organizar a partir do “princípio da socialização dos saberes e da partilha do trabalho intelectual”, garantindo a todos o acesso ao conhecimento como bem público e direito social. As metodologias ativas concretizam esse princípio ao favorecerem a construção compartilhada do saber e ao reconhecerem o valor das diferentes contribuições dentro do grupo.

A dimensão ética da inclusão também se manifesta na prática pedagógica que valoriza o diálogo intercultural e o reconhecimento das identidades plurais. Gomes (2017)

afirma que uma educação comprometida com a diversidade deve “articular os saberes da experiência com os saberes acadêmicos, legitimando as vozes que historicamente foram silenciadas”. Essa integração é possível quando a escola se abre para metodologias que priorizam o debate, a autoria e a reflexão crítica, permitindo que todos os sujeitos — independentemente de suas condições — participem como protagonistas do processo educativo.

Nesse cenário, o uso das metodologias ativas como ferramenta de inclusão se configura como ato político e transformador. Não basta garantir o acesso à escola; é preciso assegurar o direito de aprender com sentido, pertencimento e dignidade. Como sintetiza Morin (2021, p. 118):

A educação deve reconectar os indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o mundo, cultivando o entendimento humano como fundamento da solidariedade e da cidadania planetária. Educar é integrar, compreender e respeitar a complexidade da condição humana em todas as suas dimensões — biológica, cultural, social e espiritual. É preciso formar seres capazes de viver com empatia, discernimento e responsabilidade, conscientes de que o destino da humanidade é comum. Assim, o conhecimento só se realiza plenamente quando está a serviço da compreensão mútua e da construção de um mundo mais justo e solidário.

A equidade, portanto, não é um ponto de chegada, mas um caminho que se percorre coletivamente, na convivência e na partilha. As metodologias ativas tornam-se pontes para essa travessia, porque unem inovação e sensibilidade, técnica e ética, razão e emoção. Por meio delas, a escola se reencanta como espaço de criação, de encontro e de esperança — um território em que todos os corpos, vozes e saberes têm lugar e sentido.

As metodologias ativas, quando orientadas por princípios inclusivos, configuram-se como instrumentos que transcendem a mera dimensão cognitiva da aprendizagem, alcançando também suas expressões humanas, sociais e políticas. Essas práticas instauram uma nova gramática educativa, sustentada pela justiça cognitiva, pela corresponsabilidade e pela valorização da diversidade como eixo formativo. Nessa perspectiva, o ato de aprender torna-se experiência de convivência e partilha, enquanto o ensinar se afirma como gesto emancipador e ético. A equidade, assim, deixa de ser uma ideia abstrata e assume a forma de prática cotidiana, concreta e transformadora, capaz de redefinir os sentidos da

escola pública e de afirmar seu compromisso com a dignidade e a inclusão no século XXI.

3. METODOLOGIA

A investigação que sustenta este estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, orientada pela necessidade de compreender o fenômeno educativo em sua complexidade e nas suas múltiplas dimensões. Essa escolha metodológica decorre da intenção de analisar criticamente as contribuições das metodologias ativas como ferramenta de inclusão na educação básica, considerando os aspectos históricos, pedagógicos e éticos que envolvem a construção de práticas educacionais mais equitativas.

O método qualitativo permite compreender o objeto de estudo a partir do significado que os sujeitos atribuem às experiências, e não apenas por meio de dados numéricos ou estatísticos. Tal perspectiva dialoga com a epistemologia crítica e com a pedagogia freireana, ao valorizar a subjetividade, o contexto e a realidade social como elementos constitutivos do processo educativo. Para Minayo (2012, p. 23), a pesquisa qualitativa “se preocupa com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações e dos processos humanos”.

Esse tipo de abordagem possibilita uma leitura interpretativa das práticas educativas, permitindo compreender o entrelaçamento entre metodologias ativas e inclusão como dimensões inseparáveis de uma mesma prática pedagógica comprometida com o direito de aprender. Assim, a escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema e identificar convergências teóricas e lacunas ainda existentes. Segundo Gil (2022), a pesquisa bibliográfica constitui um método rigoroso de análise, pois parte de fontes documentais e acadêmicas confiáveis, possibilitando ao pesquisador um exame aprofundado e crítico da literatura pertinente ao problema investigado.

A etapa de levantamento teórico envolveu a consulta a livros, artigos científicos,

teses e documentos oficiais, selecionados de acordo com critérios de relevância, atualidade e consistência acadêmica. Foram priorizadas produções de autores que abordam as dimensões formativas, sociais e inclusivas da prática docente, tais como Freire (2019), Moran (2021), Bacich e Moran (2018), Valente (2019), Gomes (2017), Saviani (2019) e Mitre et al. (2008), além das diretrizes da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (Brasil, 2020).

A pesquisa bibliográfica permite não apenas reunir informações sobre determinado tema, mas interpretar, comparar e refletir criticamente sobre as contribuições já produzidas, construindo novos sentidos a partir do diálogo entre autores e contextos. Esse tipo de investigação amplia o repertório teórico e favorece a compreensão dos fenômenos estudados sob múltiplas perspectivas. Assim, o pesquisador não se limita a repetir ideias, mas as ressignifica, elaborando interpretações próprias e fundamentadas, que fortalecem o caráter científico do estudo (Gil, 2022, p. 44).

A análise do material selecionado foi conduzida com base na técnica de leitura crítica e interpretativa, buscando identificar categorias de sentido relacionadas às práticas de ensino ativo e à inclusão escolar. Foram observadas as recorrências conceituais, as contribuições metodológicas e as convergências teóricas que articulam inovação pedagógica, protagonismo discente e equidade educacional. Essa leitura hermenêutica permitiu compreender o fenômeno em sua totalidade, valorizando tanto as dimensões conceituais quanto as implicações práticas das metodologias ativas no cotidiano da escola básica.

A estrutura analítica adotada seguiu uma lógica dialética, sustentada na ideia de que o conhecimento é processo em movimento, e não produto acabado. Desse modo, cada referência foi tratada não como fonte isolada, mas como parte de uma rede de significações que dialoga com o contexto histórico e social da educação brasileira. O entrelaçamento dos autores, conceitos e perspectivas teóricas formou o alicerce sobre o qual se construiu a discussão dos resultados, garantindo consistência científica e coerência epistemológica ao trabalho.

A opção por não realizar pesquisa de campo deve-se ao propósito de compreender os fundamentos teóricos e as contribuições das metodologias ativas na inclusão de maneira

ampla e sistemática, evitando restringir a análise a um contexto específico. Esse percurso metodológico confere ao estudo caráter reflexivo e formativo, contribuindo para o debate acadêmico e oferecendo subsídios à prática docente e à formulação de políticas públicas educacionais.

A pesquisa em educação, quando comprometida com a transformação social, não se limita à descrição da realidade, mas busca compreendê-la em profundidade para nela intervir criticamente. Investigar é um ato de diálogo com o mundo, um exercício de escuta e de compromisso com os sujeitos que dele fazem parte. Toda pesquisa autêntica deve provocar a reflexão e gerar consciência, articulando teoria e prática como dimensões inseparáveis do ato educativo. Assim, conhecer é transformar e transformar é também um modo de conhecer (Freire, 2019, p. 91).

A condução deste estudo, portanto, ancorou-se em uma metodologia que privilegia o diálogo entre teoria e prática, numa perspectiva crítica e interpretativa. O processo investigativo, longe de ser linear, assumiu caráter reflexivo, orientado pelo princípio da totalidade e pela ética da responsabilidade educativa. A análise dos referenciais teóricos, articulada à reflexão sobre a realidade escolar, constituiu a base para compreender de que modo as metodologias ativas podem se converter em instrumentos de equidade, de inclusão e de reconstrução do sentido humanista da educação básica.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos referenciais teóricos, associada à leitura das produções científicas consultadas, evidencia que as metodologias ativas constituem uma estratégia pedagógica de caráter transformador, capaz de ressignificar a prática docente e promover uma educação inclusiva baseada na equidade e na participação. A interpretação dos dados bibliográficos permitiu compreender que o potencial emancipador dessas metodologias está intrinsecamente ligado à forma como são aplicadas e à intencionalidade ética e política que orienta o trabalho docente. A inclusão escolar, nesse contexto, emerge não como mera adequação normativa, mas como expressão de uma pedagogia do encontro, do diálogo e da sensibilidade.

Constata-se, a partir das contribuições de Moran (2021), que a implementação das metodologias ativas tem o poder de alterar profundamente a dinâmica da sala de aula,

transformando o aluno em agente de sua própria aprendizagem e o professor em mediador de experiências. Essa relação horizontaliza o processo educativo e cria oportunidades reais de engajamento e autoria, elementos indispensáveis para a efetivação da inclusão. Como destaca o autor:

Aprender é um ato de construção de sentidos e de descobertas; é um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, no qual o estudante participa da experiência de forma integral — com a mente, com o corpo e com o coração. O aprendizado acontece quando o sujeito se envolve emocional e cognitivamente com o que faz, estabelecendo conexões entre o conhecimento, a prática e a vida. Ensinar, portanto, é criar condições para que o aluno viva o processo de forma significativa, autônoma e transformadora (Moran, 2021, p. 67).

A partir dessa concepção, torna-se evidente que o ensino tradicional, centrado na memorização e na padronização, não responde às exigências de uma escola inclusiva. A rigidez das práticas transmissivas tende a excluir aqueles que aprendem de forma distinta ou que necessitam de mediações diferenciadas. As metodologias ativas, ao contrário, possibilitam percursos múltiplos de aprendizagem, valorizando o ritmo, o interesse e o contexto de cada aluno. Essa flexibilidade didática é o que as torna instrumentos potentes para a promoção da equidade.

Outro resultado expressivo identificado na análise bibliográfica refere-se à relação entre autonomia e pertencimento. A literatura especializada revela que a inclusão não se sustenta apenas na acessibilidade física, mas sobretudo na construção de vínculos simbólicos e afetivos que permitam ao estudante sentir-se parte do processo educativo. Bacich e Moran (2018) destacam que as práticas ativas favorecem a aprendizagem colaborativa e fortalecem o sentimento de comunidade, transformando a sala de aula em um espaço de convivência solidária.

O aprender ativo e colaborativo tem um valor ético: ensina a respeitar, a escutar, a negociar e a compreender o outro. A aprendizagem é, antes de tudo, uma experiência de convivência. O trabalho em grupo favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e amplia a empatia, ao mesmo tempo em que promove a construção coletiva do conhecimento. É nesse processo de interação e corresponsabilidade que o educando se reconhece como sujeito do aprender e do conviver (Bacich; Moran, 2018, p. 91).

A análise dos textos de Freire (2019) reforça que o sentido mais profundo da

inclusão está na dimensão política da educação. A prática docente que adota metodologias ativas aproxima-se da pedagogia da libertação ao reconhecer o aluno como sujeito histórico, portador de saberes e experiências. Em vez de corrigir a diferença, o educador aprende com ela, transformando o processo educativo em uma prática dialógica. Nesse sentido, a inclusão não é um destino, mas um caminho de construção coletiva.

As contribuições de Gomes (2017) permitem compreender que a escola inclusiva requer mais do que mudanças estruturais: exige uma nova cultura pedagógica fundada na ética da diversidade. Essa ética se materializa na escuta atenta, na valorização das identidades plurais e no reconhecimento de que todos têm algo a ensinar e a aprender. As metodologias ativas, ao estimularem o diálogo entre saberes e a resolução de problemas reais, rompem com o silenciamento histórico de grupos minoritários, abrindo espaço para múltiplas vozes dentro da sala de aula.

A análise dos referenciais indica ainda que as práticas ativas têm impacto significativo na motivação e no engajamento estudantil. Quando o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, sua relação com o aprender torna-se mais afetiva e significativa. Valente (2019) defende que a aprendizagem ativa desperta o prazer de investigar e fortalece a autoconfiança, especialmente entre estudantes que enfrentam barreiras cognitivas ou emocionais. O autor afirma que:

O engajamento não se impõe; ele nasce da curiosidade e do desejo de compreender. O estudante engajado não aprende apenas porque precisa, mas porque deseja compreender o mundo e a si mesmo. Quando o aprendizado se torna um ato de descoberta e de envolvimento pessoal, a motivação deixa de ser externa e passa a ser interna, sustentada pelo prazer de aprender. Assim, o ensino ganha sentido, pois se transforma em um processo de construção de significado e de crescimento humano (Valente, 2019, p. 84).

Essa visão amplia o conceito de inclusão para além do atendimento especializado, mostrando que a verdadeira inclusão se concretiza quando o estudante encontra sentido no que aprende. A motivação, portanto, é também um ato de acolhimento. O aluno que se sente visto e valorizado aprende mais e de forma mais duradoura.

A leitura crítica das obras de Saviani (2019) e Mitre et al. (2008) revela que a

efetividade das metodologias ativas depende da intencionalidade do professor. A ação pedagógica não pode se limitar à aplicação de técnicas ou recursos, mas deve estar fundamentada em uma compreensão crítica da realidade escolar. Saviani (2019, p. 121) argumenta que “a prática educativa é um ato intencional e consciente, que visa à formação humana e à emancipação do sujeito”. Essa reflexão reforça que a metodologia, por si só, não garante inclusão: ela precisa estar impregnada de compromisso social, sensibilidade e consciência política.

Outro ponto importante observado na análise é a necessidade de formação docente continuada. O êxito das metodologias ativas depende da capacidade do educador em planejar, mediar e avaliar de maneira reflexiva. Freire (2019) lembra que o professor é também aprendiz, e que o processo de formação é permanente e dialógico. Ele escreve:

Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. Ensinar é um exercício contínuo de aprender, de rever caminhos, de reinventar-se diante dos desafios do cotidiano escolar. O verdadeiro educador compreende que a docência é um ato de humildade, de diálogo e de compromisso com a transformação do mundo, que se renova a cada encontro com o outro (Freire, 2019, p. 78).

Essa compreensão reforça que o investimento contínuo na formação e valorização docente é condição indispensável para que as metodologias ativas alcancem plenamente seu propósito inclusivo e transformador. Somente professores preparados, críticos e sensíveis às diversidades podem converter essas práticas em experiências pedagógicas significativas, capazes de promover aprendizagens que unam autonomia, diálogo e compromisso ético com a equidade.

A análise também evidencia que o uso dessas metodologias contribui para a redução de barreiras pedagógicas. As práticas baseadas na resolução de problemas, nos projetos interdisciplinares e na cooperação entre pares reduzem o isolamento e a exclusão, promovendo o protagonismo coletivo. Quando o aprendizado se organiza de forma horizontal, os estudantes com deficiência ou dificuldades específicas encontram oportunidades reais de participação e expressão. Isso reforça o papel da escola como espaço de convivência e de produção de sentidos compartilhados.

Além dos aspectos pedagógicos, a discussão dos resultados aponta para uma dimensão ética e social das metodologias ativas. A educação inclusiva demanda práticas que humanizem as relações e resgatem o valor da convivência. Morin (2021, p. 118) recorda que “a educação deve preparar para a compreensão do outro e para a compreensão de si mesmo no outro”. Essa concepção traduz a essência da equidade educacional, pois reconhece que ensinar e incluir são faces de um mesmo ato civilizatório.

A partir de todas essas análises, conclui-se que as metodologias ativas, quando fundamentadas em princípios éticos e pedagógicos sólidos, promovem uma aprendizagem mais humana, crítica e solidária. Elas fortalecem o protagonismo estudantil, ampliam as possibilidades de interação e estimulam o pensamento criativo e colaborativo. No âmbito da inclusão, essas práticas representam não apenas um avanço metodológico, mas um compromisso político com a transformação da escola pública em espaço de justiça social e de dignidade para todos os sujeitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação buscou compreender de que modo as metodologias ativas se configuram como ferramentas eficazes para a promoção da inclusão escolar na educação básica, partindo do reconhecimento de que a prática docente é um ato político, ético e social. O percurso teórico permitiu evidenciar que a adoção dessas metodologias não se restringe à inovação técnica, mas implica uma mudança de paradigma que coloca o estudante no centro do processo educativo, atribuindo-lhe o papel de protagonista de sua própria aprendizagem.

Os resultados da análise demonstram que a integração entre metodologias ativas e princípios inclusivos representa um caminho possível e necessário para a consolidação de uma escola democrática e equitativa. Ao valorizar a autonomia, o diálogo e a colaboração, o professor amplia o alcance da aprendizagem, permitindo que todos os alunos — com ou sem deficiência — participem de modo efetivo e significativo. Essa prática transforma o espaço escolar em ambiente de convivência, respeito e partilha, fortalecendo o sentido social da educação e reafirmando o direito de aprender como princípio universal.

A reflexão sobre o material teórico revelou que as metodologias ativas produzem impactos pedagógicos expressivos, pois contribuem para o engajamento discente, o desenvolvimento de competências socioemocionais e a construção de saberes contextualizados. Observou-se que sua eficácia depende da intencionalidade docente, da formação continuada e de políticas institucionais que sustentem práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. O êxito dessas abordagens decorre menos do uso de técnicas e mais da sensibilidade para reconhecer as diferenças como potência formadora e não como limitação.

A hipótese inicial — de que as metodologias ativas favorecem a inclusão ao promoverem experiências de aprendizagem colaborativas e significativas — mostrou-se confirmada. As evidências teóricas apontam que a equidade educacional não se realiza apenas por meio de ajustes curriculares, mas pela adoção de uma pedagogia que considere o ser humano em sua integralidade, conjugando razão, emoção e ética. A inclusão, nesse sentido, concretiza-se quando o ato de ensinar se transforma em experiência de escuta, diálogo e coautoria.

O estudo contribui, portanto, para o debate contemporâneo sobre as práticas docentes e a renovação da escola pública, ao demonstrar que as metodologias ativas constituem um instrumento de democratização do saber e de fortalecimento da cidadania. Sua aplicação adequada pode reduzir barreiras pedagógicas e fomentar a construção de vínculos entre os sujeitos do processo educativo, promovendo não apenas o aprendizado cognitivo, mas também o desenvolvimento humano e social.

Embora a pesquisa tenha se limitado à análise bibliográfica, os resultados obtidos indicam a necessidade de aprofundar investigações empíricas que observem, em contextos reais, o impacto das metodologias ativas na aprendizagem e na inclusão de estudantes em diferentes etapas da educação básica. Tais estudos poderão oferecer subsídios práticos para gestores, professores e formuladores de políticas públicas comprometidos com a construção de uma escola que seja, ao mesmo tempo, inovadora e inclusiva.

Conclui-se que as metodologias ativas representam um caminho promissor para a

efetivação de uma educação inclusiva, crítica e humanizadora. Elas reafirmam a escola como espaço de transformação, diálogo e esperança, onde ensinar e incluir se tornam ações indissociáveis e indispensáveis à construção de uma sociedade justa, solidária e plural.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva.**

Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, 2020.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”.** 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores.** Petrópolis: Vozes, 2017.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MITRE, S. M. et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 2133–2144, 2008.

MORAN, J. **Metodologias ativas para uma aprendizagem significativa**. Campinas: Papirus, 2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 13. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

SKLIAR, C. **Pedagogia da diferença: o outro, o estrangeiro**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

VALENTE, J. A. **Aprendizagem ativa na era digital: o papel do professor e do aluno**. São Paulo: Penso, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.